

A CONTRIBUIÇÃO DA ECONOMIA DO CHARQUE PARA O DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS

ISADORA BAPTISTA ALVES; LARISSA MÖRSCHBÄCHER²; ALINE MONTAGNA
DA SILVEIRA³

¹ Universidade Federal de Pelotas / PROGRAU – isadorabaptistaalves@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas / PROGRAU – larissamorschbacher@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas / PROGRAU – alinemontagna@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os acontecimentos econômicos e políticos ocorridos ao longo do século XIX contribuíram significativamente para os processos de urbanização da região da fronteira sul do Rio Grande do Sul, principalmente da cidade de Bagé. Estes processos estavam relacionados à produção do charque e da pecuária, dinâmicas econômicas que marcaram a formação do território sul rio-grandense (BICA, 2017).

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a instalação das charqueadas na região no final do século XIX, investigando as ressonâncias da implantação desses estabelecimentos saladeiris nos processos de desenvolvimento urbano, cultural e social da cidade de Bagé/RS. A Charqueada Santa Thereza é o objeto de estudo deste trabalho. Localizada na cidade de Bagé/RS, foi fundada nos fins do século XIX (em 1897), e possui características que a diferenciam daquelas formadas nos períodos anteriores.

O trabalho pretende construir um novo olhar sobre o tema, a partir da revisão bibliográfica, com o intuito de compreender a importância do estudo dos núcleos saladeiris do final do século XIX para o desenvolvimento das cidades fronteiriças da região da campanha gaúcha.

2. METODOLOGIA

A principal inquietação deste trabalho consiste em identificar as transformações decorrentes da implantação das charqueadas do final do século XIX, mais especificamente Santa Thereza, e suas repercussões na cidade de Bagé. Desta maneira, buscando maior compreensão e atenção para a temática deste estudo, a produção deste trabalho engloba discussões sobre a trajetória de consolidação do município de Bagé/RS e a formação das charqueadas na cidade.

Os procedimentos metodológicos foram divididos em duas etapas. 1. Estudar e apresentar o histórico da formação da cidade de Bagé-RS. 2. Analisar os processos de instalação das charqueadas no fim do século XIX e suas ressonâncias no crescimento urbano e econômico da cidade.

O desenvolvimento dessas etapas foi realizado a partir de revisão bibliográfica, que pretende auxiliar na elaboração da dissertação da autora e nas discussões/orientações sobre o tema, em fase inicial de desenvolvimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A formação do município de Bagé

A cidade de Bagé localiza-se ao sul do Rio Grande do Sul, na região da fronteira com o Uruguai. De acordo com Gutierrez e Neutzling (2011), o município surgiu a partir de um acampamento militar instaurado em uma região bastante privilegiada com relação a estratégias de ocupação e defesa, considerando que se caracteriza como um lugar alto, com leve depressão em direção ao norte, desenvolvida em um sítio predominantemente plano.

Fagundes (2012) menciona que o primeiro registro sobre o nome Bagé data do ano de 1776, quando as tropas espanholas retiravam-se de Santa Tecla. Escritos do Diário de Marcha de D. Luiz Ramires, revelam que o mesmo havia acampado nos “Zerros de Balles”. As referências espanholas da cidade de Bagé, até 1827, eram escritas Balles ou Valles. Já as referências portuguesas eram descritas como Bajé (FAGUNDES, 2012).

No que se refere à demarcação das fronteiras e o Tratado de Madri, Fagundes (2012) relata que as lutas e batalhas armadas ocorridas nas fronteiras meridionais emergem principalmente a partir de ações tomadas pelas autoridades portuguesas. Essa ação relaciona-se à Colônia de Sacramento, localizada no Rio da Prata, em frente à Buenos Aires, o qual foi criada por Portugal em 1680.

Tal fato resultou em diversas invasões e expulsões que incluíram indígenas, portugueses e espanhóis, fundadas na luta pela posse das terras. Portugal então, com o Tratado de Madrid de 1750, renunciou à Colônia de Sacramento com a condição de sua soberania ser reconhecida sobre todo litoral sul brasileiro. Posteriormente à assinatura do Tratado, foi determinado que duas “partidas” dariam início a demarcação do território.

Ao encerrarem-se os conflitos existentes entre os indígenas e exércitos, um momento de trégua permeia a província de São Pedro. Os indígenas que aqui permaneceram apenas enfrentavam alguns paulistas que chegavam à procura de gado para contrabando de couro (FAGUNDES, 2012). Na Europa, ao terminar o Tratado de Madri, as relações firmadas entre espanhóis e portugueses acabaram ficando estremecidas. Com isso, ajustou-se que seus súditos na América deveriam se manter neutros. Porém, ignorando as instruções, os exércitos das colônias iniciaram suas marchas.

Em 1773 o governador de Buenos Aires, D. José Vertiz Y Salcedo pretendia retomar a ofensiva castelhana para assim expulsar os portugueses da Província de São Pedro do Sul. Desta forma, marchou até a Serra de Santa Tecla, onde se deparou com um rochedo em plataforma, saliente e de difícil acesso, considerando-o útil para suas intenções de construir uma fortaleza (Forte de Santa Tecla) para demonstrar o marco da posse dos espanhóis naquelas terras.

No ano de 1776 os portugueses tentam retomar as terras e os espanhóis acabam se rendendo mediante algumas condições. Adotando o sistema português de divisão em sesmarias, as terras foram doadas a cada um dos soldados que participaram da conquista do Forte, em 1801 (BOUCINHA, 1993 *apud* SILVEIRA, 1979). De acordo com Bica (2017), em 1811 dá-se início a ocupação da cidade, que é elevada à condição de freguesia e vila em 1846 e, 13 anos mais tarde, a cidade.

3.2 As charqueadas e suas relação com a cidade: ressonâncias na ambiência urbana

De acordo com Boucinha (1993), a evolução urbana de Bagé ficou estagnada até o ano de 1891, quando a primeira charqueada foi fundada na cidade. A partir daí, os aspectos econômicos da região começaram a mudar. O gado, que antes era levado para as charqueadas de Pelotas e Montevideu, passou a ser aproveitado na cidade, marcando um novo período para a economia local. Para Gutierrez e Neutzling (2011), outro fator que contribuiu para essa mudança foi a construção da linha ferroviária que ligava Bagé ao porto de Rio Grande, na virada de século, momento em que a cidade começou a se desenvolver, atrelada às linhas de trem. Nesse período foram implantadas as primeiras charqueadas na região.

A primeira charqueada de grande escala criada em Bagé que se tem registro data de 1891, a Companhia Industrial Bageense. Entre os anos de 1891 e 1896, charqueadas de pequeno porte foram introduzidas, como a Charqueada do Cotovelo (1895). Em 1897 foi fundada a Charqueada Santa Thereza, destacando-se principalmente pelo complexo urbano e industrial formado no seu entorno e pela introdução, no município, de animais de pura raça importados da Inglaterra. Segundo Domecq (1916), durante a primeira safra da charqueada foram abatidos 14.000 animais e, a partir de então, a progressão dos abates foi constante e ascendente, alcançando a marca de 45.000 abates na safra.

A assistência na vila de Santa Thereza era completa: além da luz elétrica (provinha de uma usina independente localizada nas proximidades) os moradores contavam com casas caprichosamente construídas, restaurante, barbearia, alfaiataria, escola, igreja, coreto para apresentações musicais entre outros serviços. A ascensão da Charqueada Santa Thereza, bem como seus aspectos inovadores, fez com que Bagé fosse notícia no estado e no país (FAGUNDES, 2012).

De acordo com Bica (2017), em Bagé, os maiores números de empregos provinham das charqueadas bageenses, não apenas da charqueada em si, mas também da gama de empregos diretos e indiretos que surgiam ao redor das indústrias do charque. Segundo ele, a produção do charque em Bagé promoveu a ampliação de outros setores além da economia, como o setor de transportes (com a estrada de ferro), fundação de bancos, teatros e até mesmo sessões de cinema no centro da cidade.

Os complexos saladeiris presentes em Bagé atentavam-se especialmente à genética das raças do gado de corte, as questões higiênicas das charqueadas, a assistência e a infraestrutura que era oferecida aos seus trabalhadores (BICA, 2017 *apud* PIMENTEL, 1940). O funcionamento das charqueadas na cidade perdurou até meados de 1940, quando foram inseridas na região as primeiras câmaras frias.

A bibliografia consultada demonstra a relação da produção saladeiril com o crescimento econômico do município de Bagé. A complexidade dos estabelecimentos saladeiris, em especial a charqueada Santa Thereza, revela essa relação que se estabeleceu entre os espaços de produção do charque e a consolidação da área urbana. Essas relações auxiliaram a compreender a importância da produção saladeiril na região, e instigaram a inquietações sobre novas reflexões, que podem ampliar esse entendimento no decorrer da dissertação.

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir que a formação do município de Bagé teve suas origens a partir da doação de sesmarias. Entretanto, foi com a criação das charqueadas, no fim do século XIX, que se estabeleceram grandes mudanças econômicas, culturais e sociais para o desenvolvimento da cidade. A vida cotidiana dos moradores da cidade, bem como daqueles que moravam ao redor dos estabelecimentos saladeiris, foi significativamente enriquecida com a ascensão da economia do charque. O ciclo saladeiril marcou a história econômica de Bagé, e seus reflexos podem ser reconhecidos até hoje, principalmente pelo fato da base econômica atual ser proveniente da criação de gado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICA, A. C. Uma Miragem sobre o Processo de Formação do Município de Bagé no Contexto Riograndense e Fronteiriço. **Estudos Históricos**, n. 18. Uruguai, dezembro de 2017.

BOUCINHA, C. A. **A História das Charqueadas de Bagé (1891 – 1940) na Literatura**. 1993. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

DOMECQ, R. M. **O Estado do Rio Grande do Sul**. Barcelona: Thomas, 1916.

FAGUNDES, E. M. **Inventário Cultural de Bagé**. Um passeio pela história. 2 ed. Porto Alegre: Praça da Matriz/Evangraf, 2012.

GUTIERREZ, E. J. B.; NEUTZLING, S. O patrimônio urbano da rainha da fronteira. Bagé. RS. **Revista Memória em rede**, Pelotas, v.2, n.5, abr./jul. 2011.